

## O GALO ASSASSINADO

A casa na rua João Seca, na Maianga, pertencera a um português que era guarda-livros. Antes de fugir do país, ele deixara a propriedade sob os cuidados de uma afilhada. Ela era casada com um bate-chapas que aproveitou o quintal para instalar sua oficina.

A casa tinha dois pavimentos e uma outra casa menor no quintal.

A afilhada e o seu marido, o Toninho, com os dois filhos ocupavam a casa menor e o casarão era alugado. Os inquilinos, em geral eram empresas privadas europeias que as disponibilizavam para seus funcionários.

No quintal, ao lado da casa menor o Toninho construía um galinheiro onde umas duas dúzias de penosas e um único galo se empoleiravam. Mas o fato era que as galinhas circulavam livremente pelo terreno e amiúde a cozinha da casa principal era invadida pelos galináceos.

Um outro fato foi a confecção por mim de uma atiradeira, ou bodoque que eu usava para acertar alvos aleatórios sem nenhum propósito específico.

Um certo dia, à tarde da janela do 2º pavimento, olhando o jardim observava-se um grupo de galinhas ciscando escoltadas pelo imponente galo. Com o bodoque à mão e um pedaço de tijolo da parede, parecia irresistível espantar as penosas a pedradas. Mirei no galo despretensiosamente porque um bodoque não tem precisão alguma. Atirei. O petardo descreveu uma parábola e acertou o quengo do galo, que desabou sem emitir um som sequer ou estrebuchar. Tiro certeiro e mortal.

As galinhas, a princípio espantadas, logo a seguir cercaram o cadáver e puseram-se a cacarejar furiosamente fazendo grande alarde. Imediatamente percebi que o Toninho ao se deparar com este quadro não teria dúvidas em me culpar pelo assassinato do galo. Sem titubear desci até o jardim, recolhi o cadáver em uma caixa e joguei-a na mala da caminhonete que usava. As galinhas já não se agitavam tanto, mas eu tinha um desafio, de me livrar do cadáver sem que o Toninho percebesse. Havia um complicador. Num país onde a maioria passa fome não se pode descartar uma ave daquele tamanho sem se deixar notar. Por outro lado, não podia desovar o corpo no bairro onde todos se conheciam. Eu saí com o carro e dirigi até o outro extremo da cidade e já escurecendo deixei discretamente a caixa em uma montanha de lixo, algo comum na cidade. Eu perpetrara um crime contra a propriedade de alguém e escondera as provas, no caso ocultação de cadáver. Mantive-me firme. Ninguém vira a cena. Mas uns dias depois o Toninho me abordou e comentou:

- Meu galo sumiu.

Fiz um ar de surpresa.

- Acho que foram esses vizinhos que o mataram e comeram.

Ainda demonstrando surpresa afirmei:

- Que horror. Não se pode confiar em ninguém. Né?